

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL**

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE SETÚBAL



Projecto

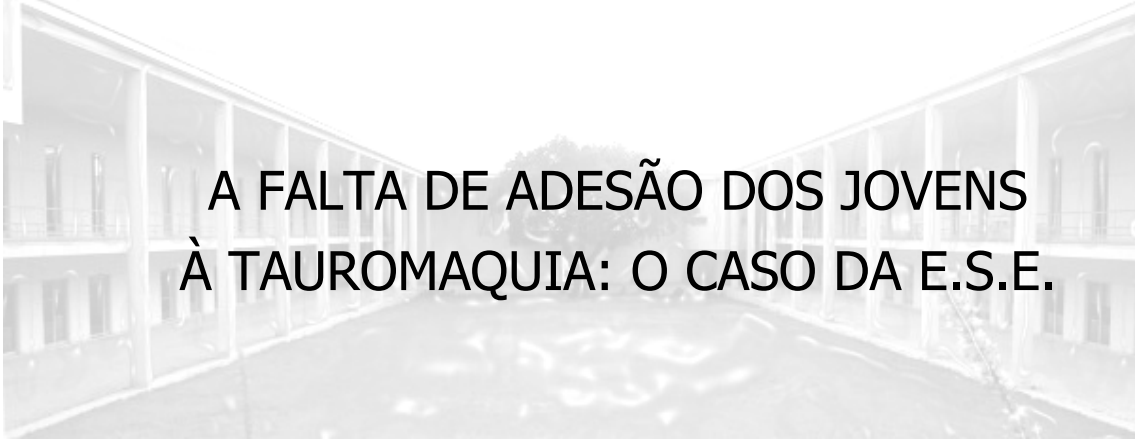
Comunicação Social

Ano lectivo 2006/2007

Docentes:

Ana Maria Pires Pessoa

Fernando Miguel Vasconcelos Almeida



## A FALTA DE ADESÃO DOS JOVENS À TAUROMAQUIA: O CASO DA E.S.E.

Filipe Gonçalo Godinho Pedro Da Conceição, 3º ano

Pedro Trindade Sena, 3º ano

Setúbal

6 de Julho de 2007

## **METODOLOGIA**

Para a realização deste projecto começámos inicialmente por reunir os textos da disciplina de Métodos e Técnicas de Investigação Social (MTIS) que se adequavam às técnicas de investigação que optámos, entrevistas e inquéritos. O nosso método de investigação é um estudo de caso. Os inquéritos por questionário porque nos permitiram enquadrar o contexto da tauromaquia na especificidade dos jovens da Escola Superior de Educação (ESE), isto é, os dados recolhidos dos inquéritos possibilitaram a sustentação do problema – a falta de adesão dos jovens à tauromaquia na ESE. Escolhemos também realizar entrevistas pois permitiram enquadrar o tema com a finalidade de melhor percepção do mesmo, sendo possível recolher valores, normas, interpretações e perspectivas que os entrevistados dão às suas práticas e aos acontecimentos.

Adquirimos ainda, o livro de Judith Bell, *Como Realizar um Projecto de Investigação*, com o qual pudemos começar por compreender os passos para a realização do nosso projecto.

Para a metodologia de como fazer um trabalho académico, seguimos as indicações do documento *Normas de Apresentação dos Trabalhos Académicos* de Alcina Dourado e Fernando Almeida, de onde retirámos sobretudo a informação das normas de realização de uma bibliografia e, também, da formatação geral do trabalho.

## **ENTREVISTAS**

Tendo em conta o tema do nosso projecto “A falta de adesão dos jovens à Tauromaquia: o caso da ESE” considerámos que seria importante elaborar entrevistas a elementos que estivessem inseridos num “ambiente” em que a tauromaquia assumisse maior relevância, nomeadamente em Elvas e Montemor, para que as informações obtidas fossem mais esclarecedoras e objectivas.

As entrevistas foram realizadas a seis indivíduos, dos quais fazem parte três forcados amadores no activo, um do Grupo de Forcados Amadores de Évora, outro do Grupo de Forcados Amadores de Lisboa e o cabo do Grupo de Forcados Amadores da Escola Secundária de Montemor. Ainda solicitámos as opiniões de um ex-forcado amador do Grupo de Forcados Amadores de Évora, um aficionado, um espectador e uma assistente e psicóloga social.

As suas escolhas recaíram sobretudo pela relação de proximidade que temos dos entrevistados e porque quatro dos seis entrevistados são jovens ligados ao mundo da tauromaquia. A forte incidência de forcados amadores deveu-se ao facto de considerarmos a forma de intervenção mais directa numa corrida de touros, ou seja, são aqueles que contactam directamente com a arena, com o animal e, provocam fortes emoções no público. Quisemos também, que os entrevistados não se cingissem aos mesmos “cargos” nas praças de touros, tentamos entrevistar um cavaleiro mas sem sucesso. Como consequência, englobamos ainda, um entrevistado que já não se encontra no activo, como forcado, para confrontarmos o seu testemunho e opinião com a dos colegas de actividade mais novos. Para que não caíssemos numa vertente de apenas entrevistarmos individualidades que estiveram e estão ligadas à tauromaquia, incluímos ainda os contributos de pessoas que acompanham regularmente os espectáculos taurinos, mas que não praticam a actividade e, ainda, uma psicóloga e assistente social na medida em que considerámos importante possuir diferentes perspectivas sob o assunto que abordamos e, daí a escolha de elementos “dentro” e “fora” do espectáculo tauromáquico.

O guião das entrevistas foi elaborado cuidadosamente, com base em alguns exemplos que o professor Fernando Almeida disponibilizou aos alunos no seguimento da disciplina de MTIS. Após realizarmos uma primeira versão do mesmo, tivemos em consideração as sugestões de correcção que o docente apresentou, o que nos permitiu reformular o guião e, posteriormente, aplicá-lo nas entrevistas. No guião ordenámos as perguntas do geral para o particular de acordo com as competências adquiridas nas aulas teóricas de MTIS.

Durante as entrevistas nunca expressamos a nossa opinião para não influenciar o entrevistado e intervimos apenas com o intuito de encorajar o inquirido (entrevista não directiva) e na construção do guião tivemos em conta o facto de evitar ao máximo ter mais de uma ideia numa frase/pergunta. Ainda no decorrer das entrevistas que foram preparadas de acordo com a total disponibilidade dos entrevistados para o efeito, mantivemos a preocupação de incentivar a resposta, manifestando concordância com as ideias deste. Foi fundamental a leitura atenta dos acetatos relacionados com as técnicas de entrevista para conduzirmos as entrevistas.

### **INQUÉRITOS POR QUESTIONÁRIO**

Relativamente aos questionários, o guião foi elaborado também com base nos acetatos já mencionados que o professor Fernando Almeida disponibilizou. Mais detalhadamente, centrámo-nos no documento “Como perguntar num questionário?” com o objectivo central de verificarmos as hipóteses que colocámos no guião. Um dos itens que consideramos fundamental para a construção do guião foi a colocação das questões abertas no início do questionário e as questões fechadas no final. A aparência do mesmo foi outro factor em linha de conta visto que queríamos captar a máxima atenção dos inquiridos evitando a monotonia que poderia provocar o desinteresse nas respostas.

A ajuda do docente em algumas questões foi fulcral para efectuarmos alterações e correcções no guião dos inquéritos por questionário, aos quais fizemos nós próprios um pré-teste antes da realização definitiva dos inquéritos à população.

Os inquéritos por questionário foram administrados com especial cuidado no que diz respeito à abrangência dos alunos e respectivos cursos da Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE). Deste modo, realizamos a distribuição dos inquéritos durante três dias distintos em vários locais da instituição e em horários diferentes. Optámos por esta solução porque os alunos têm horários

diferentes e aulas dispersas um pouco por todos os dias da semana. Exemplificando, no primeiro dia se elaborámos os inquéritos de manhã, noutra dia já só o fizemos pela tarde, justamente para evitar situações em que os alunos não tivessem aulas ou simplesmente porque podia existir alguma conferência ou determinada actividade na ESE.

Os questionários foram administrados a um mínimo, estabelecido por nós próprios, de cinco alunos dos nove cursos em vigor na ESE. A amostra representativa foi definida em 100 alunos dentro da população em estudo, um número que nos foi sugerido pelo professor Fernando Almeida. Assim, foram abrangidos todos os cursos da escola e conseguimos captar os contributos dos alunos nos diferentes anos curriculares, ou seja, os questionários incluíram respostas dos alunos de todos os anos, conforme os respectivos cursos (Animação e Intervenção Sociocultural, Comunicação Social, Desporto de Recreação, Educação de Infância, Educação de Infância para Apoio à Educação Bilingue da Criança Surda, Ensino Básico do 1º ciclo, Educação Musical, Educação Visual e Tecnológica, Promoção Artística e Património e Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa).

A análise dos inquéritos teve por base a utilização do software de aplicação “Microsoft Office Excel”. Num primeiro momento foram criadas algumas tabelas (ver análise questionários) para permitir facilmente a inserção e análise dos dados recolhidos. Nas tabelas inclui-se a frequência absoluta e a frequência relativa em percentagem com o objectivo de retirar ilações de cada resposta a uma determinada pergunta.

Para que o processo fosse mais rápido e eficiente dividimos os questionários e cada um de nós inseriu os dados de 50 questionários, fazendo um total de 100 inquéritos. Deste modo, conferimos três vezes as respostas dos inquéritos uma vez que as informações poderiam ser facilmente distorcidas, mas que poderiam passar, sem intenção, dada a imensidão de dados presentes nas tabelas. Optámos também por ir colocando os dados da frequência absoluta segundo uma sequência que se pautava por analisarmos todos os dados de uma

pergunta nos 100 inquéritos, depois de analisada a pergunta um, partíamos depois para a segunda questão em todos os inquéritos e, só após a análise daquela pergunta em todos os questionários, é que nos conduzíamos para a próxima questão. Para que não sucedesse algum lapso criámos um campo designado de “total” no *Excel*, que à medida que íamos introduzindo os dados, esse mesmo campo ia-se alterando para um total de 100 respostas. Assim, confirmávamos também se tínhamos já analisado a totalidade dos inquéritos.

Durante a administração dos questionários apenas intervínhamos caso surgisse alguma dúvida nas questões ou incompreensão interpretativa, mantendo total imparcialidade nos factos presentes no inquérito.

